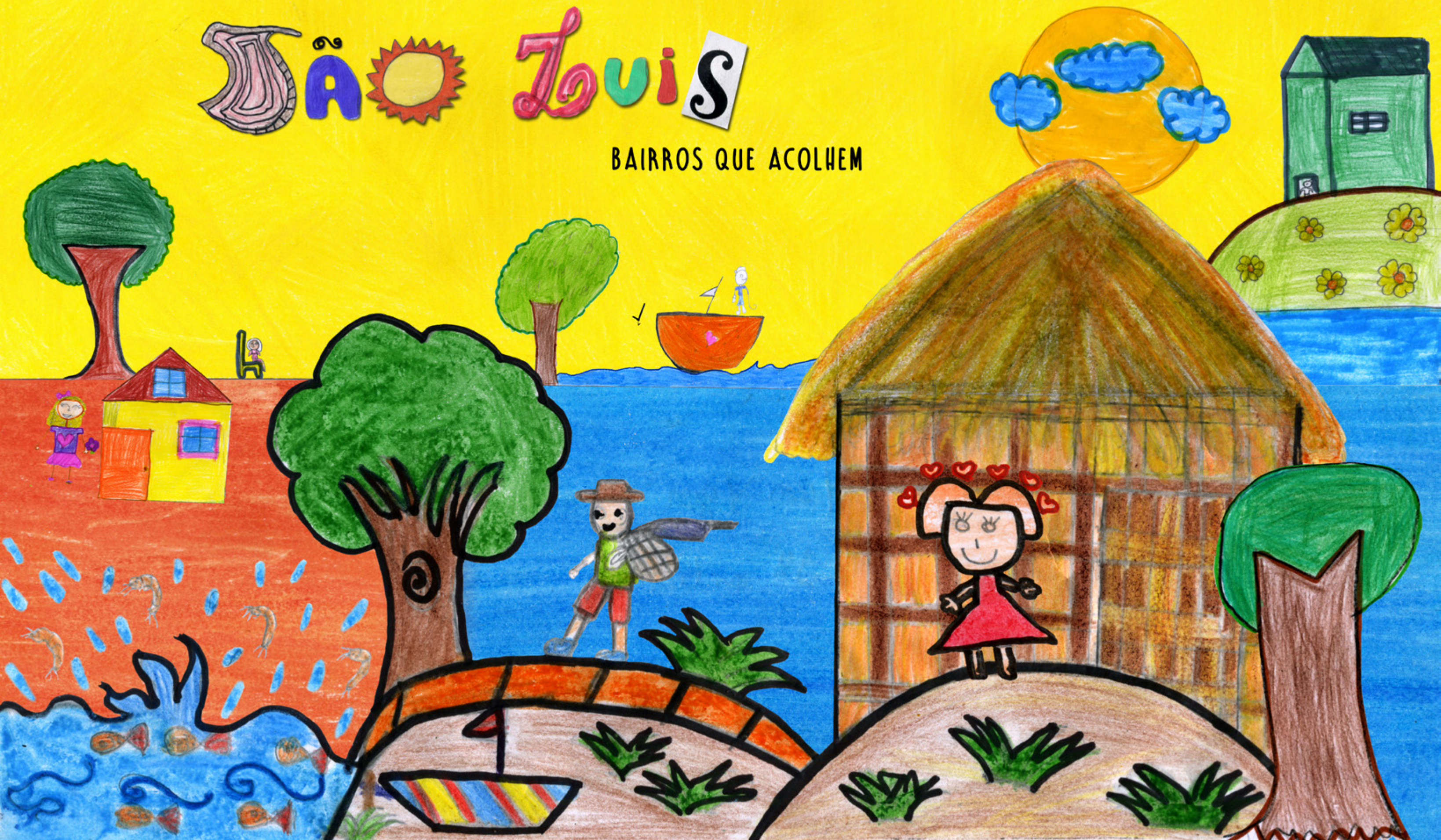


São Luis

BAIRROS QUE ACOLHEM



APRESENTAÇÃO

Entrevistar para conhecer, para reconhecer, para compreender que histórias de vida compõem um universo muito maior do que a trajetória pessoal do entrevistado.

Foi nessa perspectiva que, incentivados por seus professores, alunos de escolas municipais de educação básica realizaram o projeto Memória Local na Escola.

Leituras, desenhos, reflexões sobre os conceitos, princípios e diretrizes que envolvem a metodologia de entrevista de história de vida, a escolha do entrevistado, a elaboração de roteiro, o que

programar antes, como se comportar durante e o que fazer após a entrevista foram alguns dos aspectos trabalhados com professores e alunos, e este livro é resultante das múltiplas possibilidades de produções escritas e gráficas realizadas pelos alunos.

As histórias aqui registradas são uma homenagem a todos os moradores do município. Temos certeza de que você vai se surpreender com os relatos e com a capacidade dos alunos de expressar o que ouviram nos textos e desenhos dessa publicação.

Você, leitor, está convidado a parar um tempinho para se deliciar com as histórias e memórias de pessoas que talvez conheça pessoalmente, talvez seja seu

vizinho ou da sua família, descobrir as semelhanças e diferenças. Assim estará olhando também para você mesmo.

Esta ação faz parte do Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2019 (Pronac 18.3727) realizado pelo Ministério da Cidadania, Secretaria Especial da Cultura e pelo Instituto Museu da Pessoa através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) em parceria com o Instituto Avisa Lá e com o patrocínio da ULTRAGAZ.

Museu da Pessoa e Avisa Lá





O sonho da casa própria se realizou

Zuleide Prata nasceu no município de Guimarães, Estado do Maranhão, tem quatro filhos (três homens e uma mulher), cinco netos e quatro bisnetos.

Ela chegou a São Luís do Maranhão aos 11 anos de idade com uma família que a acolheu em troca de um lar. Ela sempre foi boa aluna, mas não era muito entusiasmada, não. Estudava para passar de ano. Segundo ela, no seu tempo de estudante, os alunos eram mais dedicados e respeitavam mais os professores.

Após casar, Zuleide veio para o bairro onde mora há mais de 60 anos. Ela contou que viu o início da construção da escola, onde antes funcionava uma vacaria. Seu esposo, já falecido, chegou a propor aos construtores que a escola fosse construída em dois pavimentos, mas isso acabou não acontecendo.

Com seus 89 anos, viúva, Zuleide tem uma rotina doméstica. Levanta cedinho, passa o café, prepara o almoço. Disse que tem a saúde um pouco frágil devido à idade. Toma medicações para arritmia cardíaca.

Em relação aos seus projetos e sonhos, disse que o mais relevante foi a compra da sua casa. Também uma viagem ao Rio de Janeiro foi marcante na sua vida. Ela quer continuar ajudando o seu filho mais velho.

Ao final, ela deu como conselho aos estudantes: "Respeitar a professora e estudar para ter no futuro um trabalho digno."

Zuleide Alves Prata foi entrevistada pela professora Alcylene Dutra Pacheco Lima e seus alunos do 4º ano da escola UEB Agostinho Vasconcelos – ANIL. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Uma missão na Terra

Maria Violeta nasceu em Balsas, no Maranhão, em 1959, filha de Arão e Lurdes Ferreira.

Nasceu e passou a sua infância em uma casa grande, que ficava próxima à fábrica de seu pai. No quintal da casa, tinha uma mangueira frondosa que a inspirava para várias aventuras de criança.

Veio para São Luís para estudar e fazer faculdade. Ao chegar aqui, sentiu-se estranha, pois era acostumada a uma vida livre em sua terra.

A vida escolar foi marcada por professores, como um em especial, que lhe dava muita atenção e dizia a ela: "Não pense que a vida é como a gente quer." Essas palavras a marcaram muito e serviram de inspiração para alcançar aquilo que sonhava.

Formou-se em Contabilidade, Economia e Terapia Comunitária. Escolheu ser terapeuta porque gosta de ajudar as pessoas.

Criou o Centro Beneficente Nossa Senhora da Glória com ajuda dos irmãos da Igreja e da comunidade. A primeira reunião aconteceu em sua casa. Lá idealizaram o projeto, com o objetivo de ajudar as famílias mais necessitadas, tendo um olhar especial para as crianças que vivem em situação de risco e do trabalho infantil.

Segundo dona Violeta, espalhar o amor é a sua grande missão aqui na Terra.

Maria Violeta Lima Castro foi entrevistada pela professora Jeane Moraes Serra de Sousa e seus alunos do 5o ano da escola UEB Miguel Lins. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





O representante da Vila Luizão

Ivaldo nasceu em 6 de fevereiro de 1974. Filho único de um pai agricultor e de uma mãe amorosa. Sua infância foi muito boa no município de Bequimão, o que lhe proporcionou lembranças saudosas dessa fase da vida.

Ivaldo sempre acreditou no desenvolvimento por meio da educação, por esse motivo, para ter acesso a uma educação de mais qualidade, deu continuidade aos seus estudos em Pinheiro, outra cidade do Maranhão, por ter escolas melhores.

Ao chegar na adolescência, precisou se mudar para São Luís do Maranhão, visando fazer faculdade de Pedagogia, curso no qual se formou. Foi morar no bairro da Vila Luizão, onde reside há mais de 20 anos. A dura realidade que encontrou o fez se envolver em projetos da igreja e do bairro para buscar melhorias para a comunidade.

Ivaldo contou que a Vila Luizão era apenas uma rua rodeada de muita poeira. Disse que “não existia quase nada!”.

Toda essa situação do bairro, sua vontade de mudança e o incentivo dos moradores da Vila, que viam o Ivaldo como uma forte liderança, impulsionaram sua entrada na vida política. Entenderam que ele poderia ajudar muito a Vila Luizão sendo político.

Foi assim que ele deu início a sua vida pública: eleito vereador, não esqueceu das necessidades da Vila. Conseguiu a construção da escola UEB Gov. Leonel Brizola; levou unidades de saúde; um estádio; asfalto e infraestrutura básica. A Vila Luizão era uma comunidade esquecida na Grande São Luís. Só mesmo um morador que conhecia as necessidades da comunidade poderia lutar por ela.

Atualmente, é o secretário municipal da Agricultura, Pesca e Abastecimento. Está à frente do Projeto Feirinha São Luís, na Praça Benedito Leite, que movimenta o turismo local, proporcionando renda para muitas pessoas e dando vida com responsabilidade ao Centro Histórico de São Luís.

Esse reconhecido membro da comunidade é referência para os alunos da UEB Gov. Leonel Brizola. Ele reivindicou a reforma da quadra da escola, um pedido direto dos alunos. É considerado um amigo de todos no bairro por ser extremamente acessível e dar vez e voz aos moradores da Vila Luizão em São Luís do Maranhão, ajudando a resgatar a memória do bairro e reforçar que o futuro do Brasil é possível por meio da educação.

Antônio Ivaldo Rodrigues foi entrevistado pela professora Pâmella dos Reis Pereira e seus alunos do 4º ano da escola UEB Gov. Leonel Brizola. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



A vendedora de bombons

Lucenilde Costa é conhecida popularmente por Bibinha. Nasceu em Caxias, no Maranhão, no ano de 1958. Teve uma infância muito feliz embaixo das árvores de frutas da região. Apesar de muito pobre, no intervalo de seus afazeres, brincava de boneca de pano, pular corda, amarelinha e outras brincadeiras muito legais. Sua casa era simples, feita de barro e coberta de palha. Na porta tinha uma esteira feita de palha, artesanato típico da nossa região.

Aos 10 anos de idade, mais precisamente em 1968, Bibinha foi para outra cidade maranhense chamada Santa Inês. Nessa cidade trabalhou em uma casa de família onde fazia muitas tarefas domésticas apesar da pouca idade. Ela também brincava e sonhava com uma vida melhor. Logo conseguiu se mudar para São Luís e aí continuou trabalhando em casa de família. Na capital, teve mais chances de mudar de vida. Nos momentos de descanso, estudava. Também aprendeu muitas coisas com as pessoas onde morava.

Bibinha se casou muito cedo. Logo teve filhos e veio morar no bairro da Vila Isabel, onde mora até os dias atuais. Começou vendendo laranjas, depois passou a vender bombons. O comércio de bombons mudou muito sua vida; conseguiu associar o prazer com o trabalho, pois gosta muito de vender para as crianças. Atualmente, reside ao lado da escola, o que facilita seu trabalho, pois, diariamente, conversa com as crianças sobre como se sentem e outras coisas. Assim, além de garantir seu sustento faz muitas amizades. Bibinha é muito querida por todas as crianças, motivo pelo qual os alunos a escolheram para ser entrevistada e conhecer mais sobre sua vida.

Lucenilde Costa Barbosa foi entrevistada pela professora Monice de Lys Santos Moreira e seus alunos do 4º ano da escola UEB Lindalva Teotônia Nunes. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





Um exímio pescador

O pescador Raimundo Nonato nasceu em uma cidadezinha chamada Sababa, localizada no Estado do Pará. Veio para São Luís do Maranhão com o pai e a mãe, ainda muito pequeno, aos 2 anos de idade.

Ao chegar em São Luís, sua família foi morar no bairro Tibirizinho, situado na zona rural da capital do Maranhão. Raimundo lembra da sua primeira casa, feita de taipa, um lugar simples, porém muito acolhedor. Em meados dos anos 60, ele chegou ao bairro onde foi recebido de braços abertos. Foi ali no Tibirizinho que ele cresceu.

Os pais de Raimundo se separaram e sua mãe se casou novamente. Foi o seu pai de criação que o ensinou as técnicas de pescaria. Ele e seu irmão mais novo ficavam observando e aprendendo com o seu segundo pai. Desde criança, Raimundo gostava muito de pescar.

Pescaria? Sim. Pescaria! Raimundo começou a aprender, gostar e praticar a arte de pescar, mas ele não ficava esperando o peixe beliscar a isca do anzol, sua forma de pescar é aquela com rede e espinhel. Ele levava um cofo (cesto feito de palha), quase maior que ele, ao porto do bairro, onde podia praticar e melhorar suas habilidades com apenas 8 anos de idade.

A prática da pescaria exige muita dedicação. O pescadorzinho, juntamente com seu irmão, foi aperfeiçoando esse hobby durante os anos, porque “pescar para mim é um prazer”, contou Raimundo. Era rotina descer ao porto com seu irmão, carregando um cofo grande. Eles pescavam e seu pai levava os peixes para vender na feira. Chegaram a pescar 30 quilos de peixe. E isso não é história de pescador. “Pescador só exagera na quantidade do pescado”, disse o sr. Raimundo.

Passou a adolescência e chegou na vida adulta praticando a pescaria. Mas a rotina de um pescador não é fácil! Pescar não é fácil, tem todo um processo: construção da rede, pescar com espinhel (para o pescador, é a maneira mais difícil de pescar), saber quando a maré está vazando ou enchendo e ainda tem a influência da Lua. Essas habilidades



ele aprendeu com seu pai de criação para ajudar no sustento da família e serviu de experiência para toda a vida.

É conhecido no bairro como seu Garrincha, mas por que Garrincha? Esse nome também tem influência de seu pai, que era apelidado assim por ser um excelente jogador e ter pernas tortas, e o Garrincha “filho” herdou esse apelido de sua referência paterna.

Garrincha passou por momentos perigosos em sua profissão: quase morreu afogado! Em um dia normal, carregando o cofo cheio de peixes, não deu conta, acabou caindo na água durante sua ida até a canoa. Sua sorte foi seu parceiro e amigo, que o salvou. “Ufa! Graças a Deus! É um risco da profissão. Pescar não é fácil, mas eu gosto”, disse. Ah, nosso querido pescador não pescava apenas peixes; camarões também caíam em sua rede e ele gostava e ainda gosta bastante.

Atualmente, a prática da pescaria serve apenas de lazer para esse exímio pescador que trabalha fazendo alguns bicos, pois infelizmente a maré onde pescava e pesca não está tão farta. O máximo que conseguem pescar em um dia são 8 a 10 quilos de peixe. Atualmente o bairro está mais populoso, então a comunidade necessita de mais produtos, de mais alimentos.

É importante ressaltar que as próprias crianças da comunidade conhecem bastante de pescaria e os instrumentos utilizados. Influência de seu Garrincha, que ensinou suas técnicas durante vários anos para os homens do bairro e a todos que queriam e querem aprender e conhecer sobre essa atividade. Muitos pescadores de outros bairros recorrem a ele quando querem saber o horário exato para pescar, o horário mais adequado para voltar. Ele dá todas as coordenadas. Seu Garrincha é conhecido por muitos moradores. A comunidade é muito grata a ele.

Raimundo Nonato foi entrevistado pela professora Ryvanna Gomes Abreu e seus alunos do 4º ano da escola UEB Zebina Eugênia. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





EDNA



A menina que ouvia histórias agora conta histórias

Tirirical era o bairro onde a professora Edna Maria morou desde recém-nascida. Depois, esse bairro passou a ser chamado de São Cristóvão. Mas tudo era muito diferente de hoje. As ruas não tinham asfalto, eram caminhos de terra e pedras. Por trás da rua tinha um rio onde as mulheres lavavam roupas e as crianças brincavam em suas águas limpas, que dava até para matar a sede. As mães ainda levavam água para casa para cozinhar. Era o Rio Engenho, que também passou a ser o nome da rua da nossa escola.

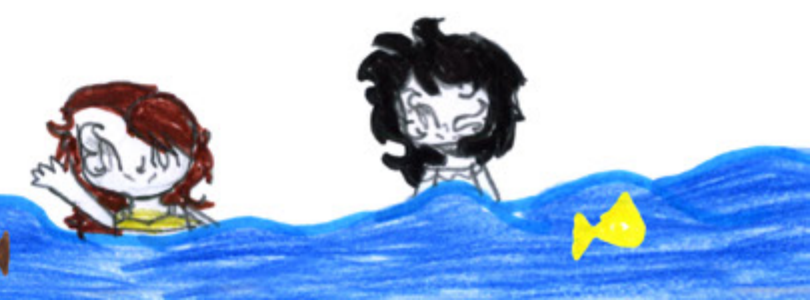
Na sua infância, Edna contou que as famílias sentavam nas portas das casas à noite e contavam histórias para as crianças. Ela ficava encantada, imaginando cada capítulo. Nessa época, não havia internet nem celular, e as crianças ficavam ansiosas com a hora de ouvir as histórias.

Quando chegou o ano de ir para a escola, Edna foi para a Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus, que depois passou a se chamar Aluísio Azevedo em homenagem ao

escritor maranhense. É nossa escola atualmente. Sempre foi aluna aplicada e dedicada aos estudos. Gostava de língua portuguesa por causa das aulas de leitura. Ganhou várias medalhas como melhor aluna da turma por criar lindas histórias no seu caderno de redação. Sua escola era rígida. Todos os dias os alunos cantavam o Hino Nacional e o Hino do Maranhão.

Hoje, ela é professora na escola onde estudou. Faz leituras diariamente para seus alunos. Faz rodas de histórias e conversa com cada um deles. Alguns alunos da nossa turma foram alunos da professora Edna. Ela é bastante atuante no bairro: participa da Associação de Moradores, faz reivindicações e colabora nas ações sociais.

Edna Maria Veras Penha foi entrevistada pela professora Laura Reis Moraes e seus alunos do 4º ano da escola UEB Aluísio Azevedo. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





Mulher independente

Conceição de Maria tem 91 anos, mora na Rua Cândido Ribeiro e sua casa fica ao lado da nossa escolar. Tinha 11 irmãos, só restaram dois. Sua infância foi feliz, brincava com seus irmãos no quintal de casa.

Ela gostava muito de brincar de boneca, pular corda e ir ao cinema. Era estudiosa e completou o seu primeiro grau com 10 anos. Suas matérias preferidas eram história e geografia.

Quando adulta, trabalhou numa fábrica durante 20 anos. Casou-se, mas não teve filhos,

porém criou várias crianças. Seu marido não queria que ela trabalhasse na fábrica, mas ela disse que não iria parar de trabalhar. Então, ele pensou e resolveu lhe dar de presente uma gráfica, para que ela continuasse trabalhando, pois era uma mulher independente para sua época. Além do seu tempo!

Conceição de Maria Launé Borba Santos foi entrevistada pela professora Lúcia Helena Porta Ribeiro e seus alunos do 4º ano da escola UEB Justo Jansen. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



TEREZINHA

Menina cheia de energia

A professora Terezinha morava em uma casa de barro coberta de palha. Ela era uma criança muito levada e feliz, gostava de brincadeiras de menino, corria atrás de papagaio, jogava bola, basquete e handebol. Sua mãe não gostava e falava: "Você não é macho, é fêmea."

Certo dia, ela estava correndo atrás de um papagaio que caíra em cima de uma árvore. Ela subiu no galho. O galho quebrou e ela caiu em cima de um monte de espinho de tucum. Quando a mãe foi buscá-la, cada espinho que a mãe tirava das suas costas era um cascudo.

Terezinha também falou que naquele tempo, quando ela e a irmã saíam, tinham que tomar benção de todos os mais velhos, mesmo que não fossem da família.

Ela e a irmã não podiam tirar notas baixas. Contou sorrindo que seu pai, certo dia, chegou do serviço e encontrou um boletim em cima da mesa com várias notas vermelhas. Ele chamou a mãe de dona Terezinha e perguntou de quem era aquele boletim. A mãe, então, chamou dona Terezinha e perguntou: "Vem cá, que notas são essas?"

Terezinha, então, falou que a professora estaria explicando um assunto muito complicado de tirar,

botar, sobe e desce. Então o seu pai mandou chamar a avó materna e disse para arrumar uma professora para ela e que iria pagar somente aquele mês. E ainda disse para Terezinha: "Porque você não trabalha, não paga as contas, não tem filhos para criar? Entendeu?"

Terezinha disse que sim. Daí em diante, ela nunca mais tirou nota baixa, porque tinha medo de apanhar.

Também contou que estudava na escola de freira, no Colégio São Vicente, e lá jogava futebol de campo. Ela disse que, quando ia pegar a bola da Ivone, a irmã de Alcione cantava uma música: "Uuuôô, urubu baleado", e Ivone errava.

Ela já foi nomeada no campeonato de futebol. Foi o único prêmio que a escola ganhou.

Como mensagem para os alunos do Bandeira Tribuzzi e para todas as crianças de todo Brasil, ela disse: "Estudar, estudar, estudar. Para que um dia vocês cheguem ao patamar mais alto que seus pais não conseguiram."

Terezinha de Jesus Reis Cavalcante foi entrevistada pela professora Eliane Louredo Miranda e seus alunos do 4ºano da escola UEB Bandeira Tribuzzi. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





Boi Costa de Mão

Dona Nizete nasceu em um pequeno povoado do interior do Maranhão chamado Bacuri, município de Cururupu. Hoje Bacuri é município. Ela morava com os pais e seus 12 irmãos. Brincava muito com seus coleguinhas e os irmãos. Os irmãos ajudavam o pai no trabalho na roça. Quando ela ficou maior, cuidava dos irmãos menores e da casa enquanto seus pais iam para a roça trabalhar.

A casa onde ela passou a sua infância era simples, feita de barro e coberta de palha. Tinha um quintal muito grande onde ela brincava de casinha com seus irmãos e colegas. Não tinham brinquedos comprados, faziam seus brinquedos com latas de sardinha, barro e espigas de milho. Dona Nizete relatou que na sua casa não tinha energia elétrica. A iluminação era feita com lamparinas. Também não tinha fogão a gás, usavam o fogão a lenha para fazer suas comidas. Suas roupas eram guardadas em caixas de papelão, pois não possuíam guarda-roupa, a vida era muito simples. Mas, todos viviam com muito amor e felizes. Dona Nizete não frequentava a escola porque no seu povoado não havia uma próxima da sua residência.

Quando ficou adulta, saiu da casa de seus pais somente quando se casou e veio morar no

município de São Luís. Sua primeira residência foi no bairro da Liberdade, depois morou um tempo no João Paulo, no Coroadinho. Após passar por esses bairros, mudou-se para o Tajipuru, localizado na zona rural de São Luís, onde reside há alguns anos. A sua família cresceu: hoje ela tem quatro filhos, dois homens e duas mulheres – uma é filha de coração. Nizete tem cinco bisnetos.

Ela contou que seu amor pelo Bumba Meu Boi Costa de Mão vem desde a sua infância, pois seu pai já organizava brincadeiras de boi desde então. Quando seu pai faleceu, ela herdou o compromisso de perpetuar a brincadeira do bumba meu boi e principalmente o sotaque Costa de Mão por toda a comunidade e arredores. Falou ainda que nunca dançou nas festas, somente participa da organização, da confecção de indumentárias, das coreografias e logística da brincadeira. É ela quem cuida das documentações necessárias para as apresentações do bumba meu boi nos festejos juninos.

Nizete Alves Pimenta foi entrevistada pela professora Sônia Regina Marques da Costa e seus alunos do 4º ano da escola UEB Honório Odorico Ferreira. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Instituto Museu da Pessoa

Diretora-Presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Relações Institucionais
Rosana Miziara

Instituto Avisa Lá

Presidente
Maria Cristina Meirelles

Coordenação Executiva
Sílvia Maria Pereira de Carvalho

Coordenação Adjunta
Cisele Ortiz

Ultragaz

Gerente de Sustentabilidade
Daniela Gentil

Analista de Sustentabilidade
Mayara Andrade Lima

Prefeitura Municipal de São Luís

Prefeito Municipal
Edivaldo Holanda Braga Júnior

Vice-Prefeito
Antonio Júlio Gomes Pinheiro

Secretário Municipal de Educação
Raimundo Moacir Mendes Feitosa

Secretário Adjunto de Administração e Finanças
Carlos Alberto Costa Viegas

Secretária Adjunta da Área de Ensino
Maria de Jesus Gaspar Leite

Superintendente da Área do Ensino Fundamental
Arsenia Pereira de Sousa Medeiros Formiga

Secretário Municipal da Cultura e Turismo
Marlon Botão

Técnicas
Tatiana Rocha Cruz
Conceição de Maria Carvalho
Rosa Carvalho Resende
Wiciara do Espírito Santo Pires de Jesus

Projeto Memória Local na Escola, Memórias Compartilhadas – São Luís, 2019

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London
Sílvia Pereira de Carvalho

Gestão do Projeto
Renato Herzog

Coordenação do Projeto
Raquel Ribeiro

Coordenação Técnica
Márcia Cristina da Silva

Produção
Ane Alves

Formação
Alessandra Ancona de Faria
Lia Cristina Lotito Paraventi
Maria Paula Gennari Guimarães Twiaschar

Escolas Participantes

UEB Agostinho Vasconcelos – Anil
Professora
Alcylene Dutra Pacheco Lima – 4º ano

Direção
Rosângela de Jesus Viegas Roza
Vice-Direção
Heles Regina Ferreira Roza
Coordenação
Ana Karyna Sá Tavares da Silva

UEB Leonel Brizola – Turu Bequimão
Professora
Pâmella dos Reis Pereira – 4º ano
Direção
Solange da Natividade Araújo
Vice-Direção
Solange Reis Correia
Coordenação
Karine Priscila Saraiva Moraes

UEB Miguel Lins
Professora
Jeane Moraes Serra de Sousa – 5º ano
Direção
Maria do Carmo Moraes
Vice-Direção
Maria do Carmo Duarte Moraes
Coordenação
Eliana da Costa Araújo

UEB Lindalva Teotônia Nunes
Professora
Monice de Lys Santos Moreira – 4º ano
Direção
José Raimundo Lobato
Vice-Direção
Maria de Jesus Souza
Coordenação
Claudia Maria Rodrigues

UEB Zebina Eugênia
Professora
Ryvanna Gomes Abreu – 4º ano

Direção
Maria Francisca Moraes Araújo
Vice-Direção
Maria Luiza Rocha Amorim
Coordenação
Helena Paula Silva Menezes Oliveira

UEB Aluísio Azevedo
Professora
Laura Reis Moraes – 4º ano
Direção
Carlos Magno
Vice-Direção
José Vitor Araujo Correia
Coordenação
Maria José Negrão

UEB Justo Jansen
Professora
Lúcia Helena Porto Ribeiro – 4º ano
Direção
Soraya de Fátima Nunes Pineiro
Vice-Direção
Maria da Glória Silva de Oliveira
Coordenação
Ana Karina Sousa Dualibe

UEB Bandeira Tribuzzi
Professora
Eliane Louredo Miranda – 4º ano
Direção
Lana Dolores Cruz Cardoso Costa
Vice-Direção
Maria Francisca Tereza Azevedo
Coordenação
Neuzalina Irene Santos

UEB Honório Odorico
Professora
Sônia Regina Marques da Costa – 4º ano

Direção
Maria José Mesquita
Coordenação
Conceição de Mª Souza Sobrinho

Entrevistados
Antônio Ivaldo Rodrigues
Conceição de Maria Launé Borba Santos
Edna Maria Veras Penha
Lucenilde Costa Barbosa
Maria Violeta Lima Castro
Nizete Alves Pimenta
Raimundo Nonato dos Santos
Terezinha de Jesus Reis Cavalcante
Zuleide Alves Prata

Publicação São Luís – Bairros que acolhem

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Ari Meneghini

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama Nara

Produção
Ane Alves

Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas
Renato Theobaldo

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos e Produção dos Textos
Alunos participantes do projeto



Patrocínio



Apoio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DA CIDADANIA



